



Gênese e tradução de um dicionário

As traboules dos argumentos

Rubens Damasceno-Morais

Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

orcid.org/0000-0001-6245-6394

Resumo: Apresentamos a gênese e tradução do Dictionnaire de l'argumentation, publicado em francês, em 2016, por Christian Plantin e já traduzido para o inglês (2018) e espanhol (2020). A partir de uma metáfora que integra arquitetura e argumentação, oferecemos um relato que tenta desvelar o conjunto teórico que compõe esse grande mapa dos estudos da argumentação. Ao descartar que seu livro seja visto como um mero "dicionário de definições" ou mesmo uma enciclopédia, tentamos deixar claro que o trabalho de Plantin é uma obra que discute noções, problematizando-as, a partir de diversas perspectivas teóricas, sem favoritismos. A metodologia e desdobramentos do trabalho de tradução do complexo texto também são desvelados, nesse relato que pede licença (poética) para mostrar que entradas principias e/ou secundárias de um dicionário podem ser mais do que verbetes dispostos em ordem alfabética. E que um curso de argumentação não precisa se circunscrever a uma sala de aula.

Palavras-chave: Dicionário de argumentação. Ensino de argumentação. Papeis argumentativos. Estase.

Génesis y traducción de un diccionario: las traboules de los argumentos

Resumen: Presentamos la génesis y traducción del Dictionnaire de l'argumentation, publicado en francés en 2016 por Christian Plantin, y ya traducido al inglés (2018) y al español (2020). A partir de una metáfora que integra arquitectura y argumentación, ofrecemos un relato que busca revelar el conjunto teórico que compone este gran mapa de los estudios sobre la argumentación. Al rechazar que su libro sea visto como un simple "diccionario de definiciones" o incluso como una enciclopedia, intentamos dejar claro que el trabajo de Plantin es una obra que discute nociones, problematizándolas desde diversas perspectivas teóricas, sin favoritismos. La metodología y los desarrollos implicados en la traducción de este texto complejo también se exponen en este relato, que pide licencia (poética) para mostrar que las entradas principales y/o secundarias de un diccionario pueden ser algo más que términos dispuestos en orden alfabético. Y que un curso de argumentación no necesita limitarse a un aula.

Palabras clave: Diccionario de argumentación. Enseñanza de la argumentación. Roles argumentativos. Estasis.

Genesis and Translation of a Dictionary: the traboules of arguments

Abstract: We present the genesis and translation of the Dictionnaire de l'argumentation, originally published in French in 2016 by Christian Plantin, and later translated into English (2018) and Spanish (2020). Drawing from a metaphor that intertwines architecture and argumentation, we offer an account that seeks to unveil the theoretical framework underlying this extensive map of argumentation studies. By rejecting the notion that the book should be seen merely as a "dictionary of definitions" or even an encyclopedia, we aim to clarify that Plantin's work is a piece that discusses concepts by problematizing them through various theoretical lenses, without bias. The methodology and developments involved in translating this complex text are also revealed in this account, which takes poetic license to show that primary and/or secondary entries in a dictionary can be more than alphabetically arranged terms. And that a course on argumentation need not be confined to a classroom.

Keywords: Dictionary of argumentation. Teaching argumentation. Argumentative roles. Stasis.

Introdução

O verbo “*trabouler*” origina-se de “tra” (trans-) e de “bouler” (passar). A palavra *traboule*¹ advém de “trans-ambulare” ou passar de um ponto a outro, percorrer². Em linhas gerais, a palavra indica *passer à travers*, isto é, atravessar, pegar um atalho, ser astuto no momento de fazer um percurso e chegar mais rápido a seu destino. As *traboules* são vias reservadas a pedestres, geralmente estreitas e que se materializam como corredores que têm a missão de ligar uma rua a outra, de forma, muitas vezes, surpreendente, inesperada. A imagem a seguir apresenta um exemplo do que estamos a descrever:

Figura 1 – Interior de uma *traboule*, em Lyon-França



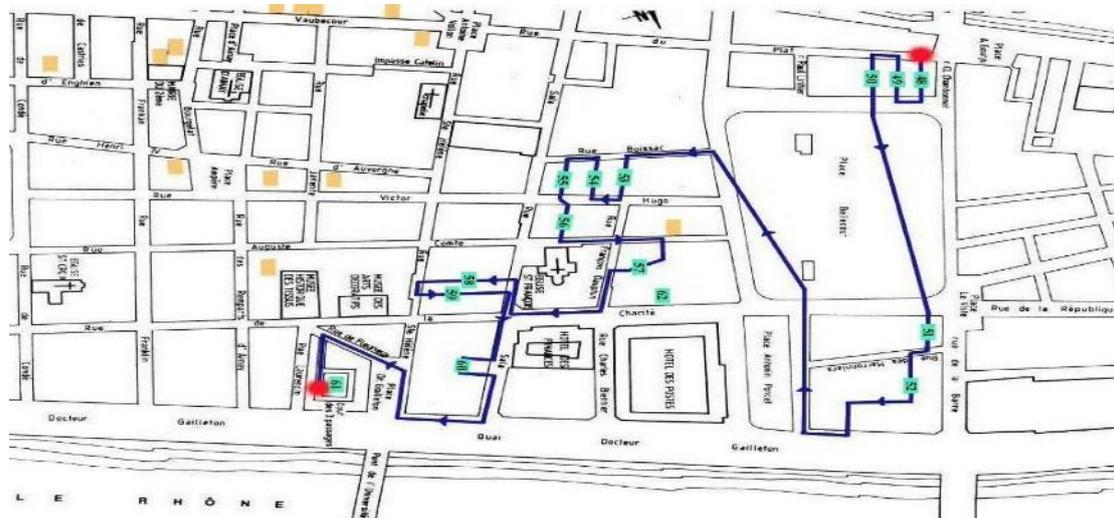
Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/culture/musique/jazz/les-traboules-les-dessous-du-reseau-secret-des-rues-de-lyon_3277977.html . Acesso em 26 de fevereiro de 2025.

Essas passagens (muitas vezes secretas – Imagem 1), em sua origem medieval, foram construídas para facilitar o acesso à água do rio Saona (Saône) e, mais tarde, do Ródano (Rhône). Elas permitiam ainda que os habitantes transportassem água e mercadorias de forma eficiente pelas ruas íngremes de algumas cidades medievais. Durante a Revolução Francesa e a Segunda Guerra Mundial, as *traboules* foram utilizadas como rotas de fuga e esconderijos por grupos de resistência, tornando-se um símbolo da resiliência e engenhosidade dos habitantes de Lyon.

¹ A palavra “traboule” em francês é um substantivo feminino. Em português, não há consenso sobre o uso do gênero desse termo, já que é um vocábulo francês e não tem um equivalente direto na língua portuguesa. No entanto, considerando que “traboule” é um substantivo feminino naquele idioma, achamos por bem empregar o gênero feminino neste artigo. Portanto, vamos aqui nos referir a “a/uma traboule.”

² Eis alguns dos sites que consultamos e que contam a história dessas passagens (traboules): 1) <https://www.lyontraboules.net/historique.php> 2) <https://www.untappedcities.com/the-traboules-of-lyon-france-renaissance-architectural-gems-inside-hidden-courtyards/> 3) <https://www.lyoncitytour.fr/origine-des-traboules-de-lyon/> 4) https://www.tripadvisor.com.br/AttractionProductReview-g187265-d17808027-Lyon_Big_Traboules_in_Little_City_Stories_from_the_Past_Private_Guided_Tour-Lyon_R.html 5) <https://www.istockphoto.com/br/fotos/traboules>

Figura 2 – Localização de algumas *traboules* no bairro de Lyon antigo (Vieux-Lyon)



Disponível em: <https://fr.maps-lyon.com/traboules-de-lyon-carte>. Acesso em 26 de fevereiro de 2025.

Na França, encontram-se em Lyon, sobretudo no Vieux-Lyon (Lyon antiga – Imagem 2), a maioria dessas *traboules* (aproximadamente 500 passagens). Mas elas existem também nas cidades de Villefranche-sur-Saône, Macon, Chambéry, Saint-Étienne, Louhans, Chalon-sur-Saône e um em Viena. Existem vários tipos de *traboules*: *traboule direta*: vê-se a saída na entrada; *traboule em um ângulo*: atravessando dois ou mais prédios na esquina de duas ruas; *traboule radiante*: um pátio no coração de um ilhéu de moradias com vários acessos; *traboules com desvios*³. Algumas têm escadas à medida que conectam as ruas com uma queda vertical, outras combinam essas características diferentes e muitas vezes incluem pátios internos e escadarias (Imagem 1). Cada *traboule* pode ser única em termos de arquitetura e design, mas geralmente seguem um *padrão de conectividade* eficiente que reflete a prática urbana da época em que foram construídas.

³ Tradução livre de *traboule directe*, *traboule en angle*, *traboule rayonnante*, *traboules à détours*.

Figura 3 – Cidade gaulesa de Lyon, que abriga centenas de passagens secretas



Disponível em: https://actu.fr/auvergne-rhone-alpes/lyon_69123/voici-ou-voir-la-plus-longue-traboule-de-lyon_58755946.html. Acesso em 26 de fevereiro de 2025.

No Brasil, embora tenhamos as charmosas ruas de pedra de Ouro Preto (MG), ruas e ladeiras de Olinda (PE), centros históricos de diversas cidades (São Luís/MA, Parati/RJ, Pirenópolis/GO, Pelourinho/BA entre muitas outras), cidades e locais que oferecem uma experiência rica em história, caminhos, cultura e arquitetura, com personalidade e charme únicos, nenhuma delas apresentam as famosas passagens secretas, nos moldes como aqui apresentamos. Nas cidades brasileiras encontramos vários atalhos em forma de “becos”, por exemplo, que abreviam a passagem de uma rua a outra, mas sem as peculiaridades que ora apresentamos da intrigante engenharia medieval (as *traboules*).

Neste texto, pretendemos mostrar que as charmosas *traboules* da cidade de Lyon têm mais a ver com os estudos da argumentação do que a simples coincidência de o dicionário ter sido elaborado justamente ali, em Lyon, onde se situa a *Université Lumière Lyon 2*, na qual Christian Plantin, autor do Dicionário, é professor emérito. Em um rápido retrospecto acerca da miríade de teorias em argumentação, sabemos que tentar não se perder no emaranhado dos vários campos ou teorias de argumentação exige grande *expertise*, sob o risco de nos deparar com encruzilhadas, becos sem saída, ruas em contramão e afins, pois o mapa geral da argumentação é um quebra-cabeça complexo, sobretudo porque:

Os rastros da tradição ocidental de estudos da argumentação espraiam-se numa trajetória de pelo menos vinte e cinco séculos. Os estudos contemporâneos são fruto de verdadeiro legado da tradição greco-latina fundada por Aristóteles, Cícero, Quintiliano e que inspiraram e ainda inspiram vários outros que se

alimentam dessas fontes clássicas dos fundadores da lógica, da dialética e da retórica. (Plantin e Damasceno-Morais, 2020, p. 7)

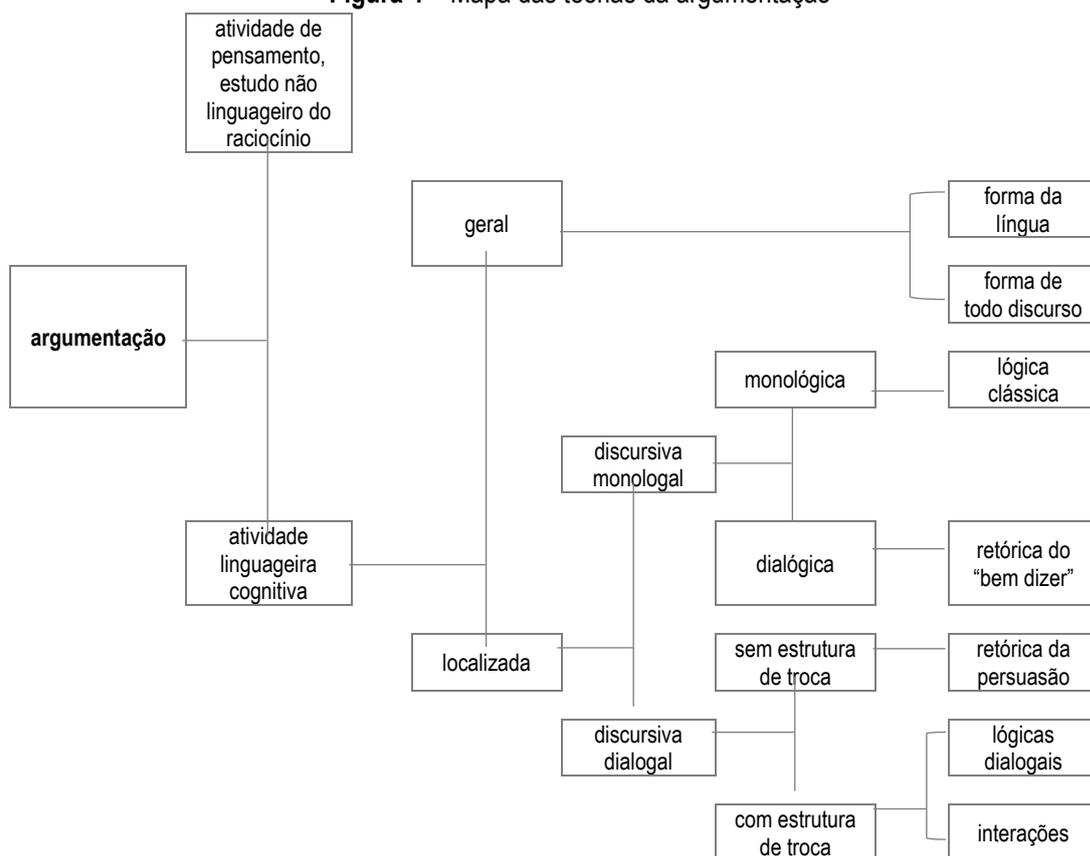
Nesse sentido, ao tentar desvelar o conjunto teórico que compõe o grande mapa dos estudos da argumentação, deparamo-nos com um conjunto complexo, emaranhando de possibilidades que, certamente, surgirá como uma carta de difícil decifração, uma terra-de-ninguém (ou de muitos alguéns), sobretudo quando se pensa no desafio de se contar toda essa história em sala de aula. Essa dificuldade é reflexo de um contexto diversificado e em plena evolução: multiplicidade de perspectivas teóricas e emergência de novos objetos e horizontes, justamente porque, também sabemos, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os estudos de argumentação foram vigorosamente retomados e reorientados por diferentes escolas, sob diversas denominações, em alguns casos com perspectivas bem diferentes.

Alguns exemplos dessas retomadas e reinvestidas nos estudos clássicos são trabalhos como: a *Nova Retórica* da célebre dupla Perelman e Olbrechts-Tyteca; a *Lógica substancial* toulminiana, com seu famoso layout dos argumentos; a *Teoria da argumentação na língua*, proposta por Ducrot e Anscombre; a *Lógica natural* grizeana; a *Teoria das falácias* de Hamblin; os estudos sobre a *Lógica informal*, desenvolvidos hodiernamente por autores como Kahane, Woods, Walton, Tindale; a *Teoria Pragmadialética*, apresentada inicialmente por van Eemeren e Grootendorst e em pleno desenvolvimento por autores como Garssen, Henkemans; o estudo da *argumentação nas interações verbais* (Plantin, Rui Grácio, entre outros).

Como sabemos, Aristóteles, Cícero e Quintiliano fundaram a tradição de observação das práticas argumentativas e dos estudos em argumentação, mas o caminho é longo. Não obstante, a distância temporal e pretensa “desconexão” entre as perspectivas teóricas desses autores é, muitas vezes, um obstáculo à leitura de seus clássicos e à compreensão dos estudos contemporâneos. Tal mixórdia dos estudos da argumentação e que tentamos rapidamente esboçar pode ser apreendida pela leitura do colossal *Handbook* organizado por van Eemeren, publicado em 2014. Em português, temos os recentes e inéditos *Introdução às teorias da argumentação* (2023) e *Introdução à análise da argumentação* (2022), ambos frutos de um projeto de tentativa de apresentação ao grande público, em português, do entrecruzamento de teorias, autores, caminhos que compõem hoje o mapa dos estudos da argumentação.

Em seu *Dictionnaire de l'argumentation*, Plantin propõe duas esquematizações, como tentativa de classificar a coabitação de tantas ideias revestidas de teorias. A seguir apresentamos um dos esquemas propostos pelo autor:

Figura 4 – Mapa das teorias da argumentação



Fonte: *Dictionnaire de l'argumentation* (Plantin, 2016, p. 81 - tradução nossa)

Como estamos tentando mostrar, por mais que todos os esforços sejam válidos, simplesmente tentar fazer um mapa dos estudos da argumentação, seja por meio de esquemas, de gráficos, de ilustrações diversas não parece ser suficiente para permitir que um/a estudante, um/a leitor/a ou quem quer que se interesse pelos estudos da argumentação adentre e percorra esse universo de forma confortável e segura. Simplesmente esquematizar pode até ajudar a organizar em gavetas, mas não ajuda na gestão dessas muitas e enormes gavetas, no seu manuseio e, conseqüente, no usufruto de tantas possibilidades de diálogo. O risco de se perder numa encruzilhada teórica é grande. Voltaremos a isso.

1 Gênese do Dicionário de argumentação

Entre mapas e becos-sem-saída, olharemos, agora, para os “ateliês de argumentação”, os quais aconteceram na cidade de Lyon e em Paris, entre os anos de 2009 e 2014. Em Lyon, as reuniões aconteciam no *Laboratoire Interactions, Corpus, Apprentissages, Représentation* – ICAR. Em Paris, no *Laboratoire Communication et Politique - GSPR/CNRS* de Paris. Nesses seminários estava sendo gestado o que viria a ser o *Dictionnaire de l'argumentation* (daqui para frente *DA*), de Christian Plantin, publicado originalmente em francês em 2016, pela ENS edições. O livro já conta com uma tradução para o inglês (2018) e outra em espanhol (2020). Os trabalhos da tradução para o português acabam de ser concluídos (Plantin, 2025). Há uma tradução para o árabe em avançado processo de conclusão.

Ao se referir aos seminários/ateliês, realizados com um público internacional tanto em Lyon quanto em Paris, Plantin relata⁴ que desses encontros participavam estudantes, professores e pesquisadores de diversos campos e disciplinas, todos engajados em pesquisas em argumentação. Nas palavras de Grácio, o colossal trabalho de Plantin na elaboração do *DA* é “uma ‘cereja no topo do bolo num percurso de investigação pautado por uma dimensão inclusiva das teorias” (Colóquio, 2020). Ainda segundo Grácio, apesar de ter havido durante muito tempo algumas “picardias” (sic) entre posições teóricas, Plantin apresenta um trabalho que busca “desdogmatizar a própria ideia de que há supostamente uma doutrina oficial dos estudos da argumentação”. Ainda segundo Grácio, tal relativização de abordagens é importante porque a argumentação é um campo plural. Ele ainda complementa sua fala ressaltando que o *DA*, nos moldes como arquitetado por Plantin, funciona como uma ferramenta muito valiosa, pois ajuda na construção de

⁴ Este artigo é fruto de compilação de entrevistas eventos e outras falas públicas nas quais Christian Plantin discorre sobre a gênese e metodologia do seu dicionário (já incluso o prefácio da versão original do *DA*). Tomamos por base, precipuamente, sua participação na conferência da ABRALIN “*Dictionnaire de l'argumentation: une introduction conceptuelle aux études de l'argumentation*” (2020) e sua participação no: *Colóquio Internacional: Desafios da tradução e composição do primeiro dicionário de argumentação no Brasil*, também em 2020. O Colóquio Internacional foi realizado para se discutirem as idiosincrasias, dificuldades e desafios de se traduzir um dicionário. O objetivo do evento foi debater a relevância de se apresentar ao público interessado pelos estudos da argumentação obras em formato de dicionários e sua função pedagógica para a ampliação e efetivação dos estudos da argumentação e da retórica não só no Brasil, mas no mundo. O evento foi coordenado por Isabel Cristina Michelan de Azevedo (Universidade Federal de Sergipe), Rubens Damasceno-Morais (Universidade Federal de Goiás – UFG) e Eduardo Lopes Pires (Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC), com participação de Christian Plantin e Rui Grácio, além dos tradutores da versão para o português. Daqui para frente nos referiremos a este evento como “Colóquio, 2020”. A compilação de informações aqui apresentadas tomou, ainda, por base o artigo “O dicionário como ferramenta para o ensino de argumentação” (Plantin e Damasceno-Morais, 2021).

um *caminho* para melhor compreensão do universo da argumentação e suas inúmeras possibilidades teóricas.

Ao justificar porque escolheu o gênero *dicionário* para a realização do seu projeto, Plantin justifica-se dizendo que a sua inspiração para tal empreitada se deu justamente porque ele já havia contribuído com a elaboração do Dicionário de Análise do Discurso (Colóquio, 2020), organizado por Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau, com o qual ele (Plantin) havia contribuído com a escrita de dezenas de verbetes. O autor afirma que, apesar de ter achado árduo aquele exercício intelectual, confessa que gostou de ter participado daquele projeto e que, dali em diante, passou a alimentar a ideia de trazer à luz um dicionário específico sobre argumentação, pois, segundo justifica, até aquele momento ele desconhecia a existência de um dicionário exclusivo de argumentação, nos moldes como o texto que ele publicou em 2016.

O autor fala ainda mais abertamente sobre a gênese do DA, ao esclarecer que o seu texto não tomou por base uma perspectiva teórica única, pois, segundo ele, o território da argumentação traz diversas abordagens teóricas que diferem bastante umas das outras. Desse modo, seu objetivo foi apresentar ao público verbetes secundários e principais que, além de confrontar criticamente definições clássicas, buscaram apresentar *instrumentos* úteis para se instigar o debate acerca de preceitos, temas, ideias. Seu intento foi mostrar que, no território da argumentação, existe uma *unidade* e que tal unidade “pode ser apreendida em forma de verbetes” (Colóquio, 2020), de modo a tentar amenizar a impressão de fragmentação e dispersão nesse domínio. Seu objetivo, foi, em síntese, “incluir, não excluir”. O presente DA traz 314 verbetes principais (ou entradas) e 66 verbetes secundários, perfazendo total de 380 entradas lexicais, o que não é de pouca monta, sobretudo porque o autor disse que a ideia inicial era arrolar “uma dezena de verbetes”, o que, como vemos, ultrapassou em muito a pretensão inicial.

2 Ser e não ser

Em diversos momentos, ao falar publicamente sobre o seu projeto de elaboração de um dicionário, Plantin deixou claro o que ele *não* pretendeu fazer na empreitada de elaboração desse colossal material, pois o seu intento nunca foi fazer um dicionário de definições do tipo “X é ...”. Desse modo, além de não querer que o DA fosse visto como um dicionário clássico de definições, o autor nem tampouco

pensou em fazer uma enciclopédia ou algo que parecesse dogmatizante. A seguir, discorreremos sobre cada uma dessas recusas do autor.

Em primeiro lugar, para Plantin, o seu dicionário não deveria ser entendido como um dicionário de definições no sentido estrito do gênero. Essa refutação se sustenta no fato de que “em nenhum momento o DA se propõe a apresentar novas definições de argumentação” (Colóquio, 2020), uma enorme diferença em relação a outros dicionários, assevera o autor. Para ele, o vasto campo dos estudos em argumentação já está espalhado em uma miríade de livros e capítulos de livros, em artigos de revistas eletrônicas, nas prateleiras das bibliotecas, virtuais ou não. Aliás, ele retraza e sintetiza as definições mais clássicas de Argumento/Argumentação por meio de verbetes como “*Corpus de definição*”, “*Argumento*” [este se desdobra em seis outros verbetes “*Argumento (I)*” até “*Argumento (VI)*”], resgatando definições já arraigadas no campo. Um dos objetivos do seu DA é, inclusive, comentar tais definições que já existem, sem se preocupar em criar outras definições ou nomenclaturas, como se pode constatar na discussão suscitada pela entrada “*Argumentação (III): Questões e intersecções*”.

O autor acredita que, se pretendemos não apenas admirar, mas também compreender o que se passa no território da argumentação, então precisamos, forçosamente, renunciar a algumas nuances conceituais, considerando que muitos termos, em fim de contas, não passam de rótulos diferentes de uma mesma definição. Esclarece, ainda, que sua intenção jamais foi apresentar novos rótulos ou definições irretocáveis, visto que isso seria criar um telhado de vidro para o próprio DA, dada a fragilidade de se tentar (re)conceituar o que não é unânime. Por isso não trabalha com uma definição de argumento, mas com uma constelação de definições. Desse modo, acredita o autor, conseguirá escapar mais ou menos ileso da armadilha da fabricação de definições. Seu intento é, em efeito, “maximizar o uso do léxico já existente” (Colóquio, 2020).

Em segundo lugar, Plantin não pretende que o texto seja visto como uma enciclopédia. Para tal, justifica seu posicionamento esclarecendo que os verbetes do DA são conceitos-chave da linguagem utilizada no estudo da argumentação. As noções apresentadas não são definidas numa perspectiva enciclopédica, nem tampouco em uma perspectiva histórica, mas com fins pedagógicos, práticos, com o intuito de ilustrarem situações correntes do dia a dia no que se refere ao uso de argumentos. Os verbetes principais e secundários ali dispostos buscam aproximar

noções, empreender ilações, aproximações, no sentido de discutirem-se e problematizarem-se conceitos, mais do que trazer uma espécie de *wikipedia* da argumentação ou um inventário sobre o tema. O autor renuncia a qualquer forma de exclusivismo teórico ou incitação ao acirramento de antagonismos acadêmicos.

A ideia ali foi permitir aos interessados pelos estudos da argumentação uma reflexão sobre fatos e teorias, de forma crítica, por meio, inclusive, das centenas de exemplos e excertos e que ilustram - e problematizam – a apresentação das centenas de verbetes (principais e secundários) que pululam ao longo de todo o texto. Nas palavras do autor:

É preciso dizer que esta obra não se situa no mesmo plano dos trabalhos de enciclopedistas, os quais propõem sempre uma abordagem filosófica e histórica das noções. Nosso objetivo é outro: as noções propostas são apresentadas a partir de seu *valor operacional*, sempre se levando em consideração o uso das práticas discursivas mobilizadas pelos locutores em suas discussões cotidianas. (Plantin, 2016, Introdução – tradução nossa)

Para Plantin, então, seu trabalho não pretende explorar as diversas formas de argumentação presentes em diferentes culturas e civilizações. Tampouco se trata de um dicionário histórico da argumentação, focado em rastrear a origem de cada conceito por meio de suas evoluções, conexões com eventos históricos, estrutura atual e programas de pesquisa, situando cada autor ou escola dentro de seus eixos teóricos. Ao caminhar em outra direção, e de forma muito clara e direta, Plantin explica que seu *DA* não tem nenhuma pretensão de historicização, mas de problematização de noções.

Por fim, o autor recusa-se a propor um estudo dogmatizante com foco em apenas uma teoria, apesar de não esconder sua preferência pela análise dos estudos da argumentação em contexto de interação, o que se pode constatar pela presença de verbetes como “*Papéis argumentativos: Proponente, Oponente, Terceiro*”, “*Desacordo conversacional e desacordo argumentativo*”, “*Estase*”, “*Assunto em questão*”, “*Emoções: a construção argumentativa da emoção*” entre outros. Desse modo, a ideia do autor - e que permeia a gênese do *DA* - foi apresentar conceitos em sentido lato, não de forma restrita ou específica, a partir de exclusivismos ou apropriações epistemológicas. Os verbetes ali não devem ser vistos como estanques, mas integrados (voltaremos a isso), levando-se em conta a costura mais ampla que se tenta estabelecer entre noções, e não definições (de)limitantes.

Deixa claro ainda que, justamente porque não focará em uma escola específica, seu texto mantém o leitor livre para apreender as complexidades do campo e, a partir das problematizações propostas, adentrar os territórios da argumentação, livre para seguir a direção que bem entender, por meio dos atalhos oferecidos (*traboules*). Nesse sentido, o autor opta por não dicotomizar, não criar polos, não alimentar ou festejar concepções particulares. Assim, o autor nos passa a sensação de, de fato, propiciar ao leitor um curso de argumentação, crítico, mas sem o propósito de converter almas para essa ou aquela “escola” (ou igreja). Segundo ele:

[...] é preciso esclarecer desde já, no DA, em nenhum momento se buscou uma apresentação minuciosa de cada uma das teorias ali aventadas pelo simples fato de que já existem excelentes apresentações e explicações acerca dessas teorias [...]. As diversas publicações com as diversas teorias da argumentação. (Plantin e Damasceno-Morais, 2021, p. 8)

A partir das três recusas justificadas por Plantin, as quais retraçamos acima, por meio de manifestações públicas do autor acerca de seu trabalho (recusa em ver o livro como um dicionário clássico, uma enciclopédia e/ou um estudo dogmatizante), destacaremos agora características que, para Plantin, *definem* o seu trabalho. Desse modo, agrupamos, a seguir, a características que de fato representam o trabalho do autor, segundo ele mesmo.

Plantin esclarece, ao afirmar as características do seu texto, que, para além de um dicionário de definições, o seu texto é, em realidade, um dicionário de noções, o que dá margem para que o leitor tenha mais espaço para elucubrações e menos o impulso do copiar-colar muitas vezes automático quando nos referimos a conceitos “redondos”. Nesse sentido, o autor se refere ao seu texto como introdução aos estudos nocionais da argumentação, uma vez que, segundo diz: “trabalharemos noções, o que nos permitirá, na medida do possível, aparar arestas e harmonizar acepções muitas vezes difusas em diferentes teorias” (Plantin, 2016, Introdução).

É nessa toada que o autor considera o seu texto uma “ferramenta” para aprendizagem, visto que se dispõe a discutir a importância do trabalho pedagógico com dicionários e sua enorme versatilidade e utilidade para a aprendizagem da argumentação e para prática da leitura e escrita críticas. Para o autor, um conceito, uma noção são como instrumentos, ferramentas para o estudo e, em sentido didático, para o ensino da argumentação. Não por acaso, o subtítulo do DA é “Introdução aos estudos da argumentação”, o que caracteriza o dicionário como um

orientador, uma espécie de GPS ou mesmo um curso introdutório aos estudos da argumentação. Segundo o autor:

[...] no Dicionário de Argumentação, um conceito manifesta-se, primeiramente, como uma ferramenta para a compreensão e análise de dados ligados ao domínio da argumentação, permitindo a reflexão acerca de fenômenos argumentativos suficientemente próximos para serem agrupados em um mesmo verbete. (Plantin e Damasceno-Morais, 2021, p. 5)

Parece-nos indubitável que o texto de Plantin, na forma como apresentado, é, de fato, ferramenta pedagógica, destinando-se a reforçar práticas argumentativas, reflexivas e que podem exercer um papel fundamental no desenvolvimento da capacidade argumentativa inerente ao exercício de uma língua natural e que eleva o estudo da argumentação a uma atividade problematizante e crítica. Isso porque, como sabemos, quando argumentamos exercemos a função crítica da linguagem. Nesse sentido, a argumentação é uma atividade de avaliação, pois os participantes gastam seu tempo avaliando seus argumentos para valorizá-los e os de seus oponentes para refutá-los. O verbete *Avaliação e avaliador* deixa isso claro, ao afirmar:

De uma maneira geral, avaliar um discurso argumentativo é atribuir a esse discurso um “juízo de valor” positivo ou negativo justificado, ver **Valor**. A atividade de avaliação é uma atividade argumentativa que pode ser ela mesma tão falaciosa - ou bem fundamentada - quanto o julgamento que ela aprova ou condena. (Plantin, 2016, p. 250 – tradução nossa)

No mesmo DA, fica notório que a primeira avaliação dos argumentos é realizada pelos próprios participantes envolvidos em uma situação argumentativa, o que quebra a falsa impressão de que só avalia/compreende argumentos estudiosos de alta patente na hierarquia, digamos, burocrática do saber. A nosso ver, o DA tem o mérito de popularizar o ensino/aprendizagem no que diz respeito ao universo da argumentação, o que não deve ser negligenciado.

No que concerne ao labor de analistas, será sempre necessário, para uma análise mais pormenorizada de uma situação argumentativa, que haja o exercício, muitas vezes longo, de examinar de bem perto posicionamentos em situações estáticas (Damasceno-Morais, 2023, p. 31) e, ainda, uma tomada de consciência de nossos próprios posicionamentos. Segundo Plantin “essas atividades ‘meta’, as quais, com a prática, acabam por se tornar atividades reflexas, fazem parte do

exercício de metalinguagem da argumentação cuja prática é inerente à dinamicidade da argumentação” (Colóquio, 2020).

Em suma, um dicionário, nos moldes como propostos pelo DA, é ainda (e sobretudo) essa atividade *meta*, pois permite o exercício ordinário de um discurso sobre argumentação, a partir do manuseio e uso de um cabedal que apresenta uma metalinguagem ordinária da argumentação. Desse modo, sempre que houver uma crítica, um rechaço à palavra do outro, ali haverá uma *metapalavra*. E essa posição *meta* torna-se a base que vai nos ajudar a enxergar ou compreender como se dá a combustão entre pontos de vista dissonantes e que mantêm acesa a chama da argumentação.

3 Voz ao conflito

Apesar de não propor um trabalho dogmatizante, como já salientamos neste texto, Plantin, no seu DA, enfatiza e deixa claro, em suas várias manifestações sobre a gênese de criação do dicionário, que argumentar é uma missão complexa que mobiliza, seja integral ou paralelamente, um trabalho enunciativo e um trabalho interacional. Nesse sentido, defende que a interação é o ponto de partida para o empreendimento argumentativo. Segundo o autor:

O DA adota o princípio de externalização, inspirado na primeira linha metodológica norteadora do trabalho de van Eemeren e Grootendorst. De acordo com esse princípio, é na forma de interação que se manifestam mais claramente os mecanismos da argumentação, seja ou não o diálogo ali considerado como a forma primeira de argumentação. Na interação, as posições divergentes são explicitamente articuladas por atores específicos e que encarnam os papéis argumentativos de proponente, oponente e terceiro. O diálogo argumentativo, cuja interação dialética é o modelo, é uma interação explicitamente regida por normas que tiveram o sinal verde das partes para que a interação acontecesse. Os conceitos de polifonia, dialogismo e intertextualidade articulam de maneira eficaz o modo interacional e o modo monológico da fala argumentativa oral ou escrita (2021, p. 12)

Ali, a maior virtude da argumentação é dar voz ao conflito, uma forma de tensão, que não deve ser entendida de forma pejorativa ou violenta, visto que a dissonância, mesmo que conflituosa, é o que faz mover o moinho da argumentação, na perspectiva do autor. Nesse sentido, se queremos nos posicionar acerca de tantos discursos em franco antagonismo, é fundamental que se fale desses discursos, que se identifiquem estases, que se enxergue a configuração de uma situação

argumentativa, que se depreenda o que está em jogo em uma interação argumentativa, identificando-se as posições assumidas pelos envolvidos na argumentação, que é algo muito mais complexo do que meramente identificar um proponente, um oponente e/ou um terceiro⁵.

Desse modo, no movimento do dispositivo que dá vida ao Modelo dialogal da argumentação (MDA) proposto por Plantin, os elementos semióticos alimentam a situação argumentativa; e a contradição, o confronto produzem uma questão que dá vida a duas respostas sensatas, mas antagônicas e incompatíveis entre si. Nesse sentido, “até mesmo um boletim meteorológico pode ser argumentativo” (ABRALIN, 2020), desde que apresente uma oposição com outro texto, engendrada por uma estase e por uma questão argumentativa. A percepção e compreensão de atuação desse dispositivo é fundamental para que se possa perceber o antagonismo que dá vida a uma questão, antecedida por uma estase.

Não ao acaso, o DA, por escolha metodológica, apresenta certos verbetes que, se vistos de forma integrada, ajudam a traçar o percurso da tensão “saudável”, do embate cotidiano, da dissensão sutil (ou não), do conflito e que gira em torno da ideia de estase, por exemplo. A seguir, propomos uma brevíssima seleção de entradas que ajudam a mapear alguns verbetes que explicam a ideia de dissenso, de conflito que, na visão de Plantin, são essenciais para desencadear a dinâmica interacional de confronto de pontos de vista e que é essencial para mover o moinho da argumentação. Apesar de não apresentarmos um rol exaustivo, indicamos ali um percurso que ajuda a compreender a noção de *tensão* argumentativa, a partir da definição e noções de termos como *Dúvida*, *Estase*, *Questão argumentativa*, *Dissenso*, *Contra-argumentação*, *Desacordo* (conversacional, argumentativo), *Contradição*, *Antítese*, *Papéis argumentativos*, a construção argumentativa das *Emoções* e, por fim, o verbe *Refutação*⁶:

Dúvida: O desencadeador da atividade argumentativa é o surgimento de uma dúvida sobre um ponto de vista. (2025, p. 231)

Estase: A palavra – O termo estase vem do grego; corresponde ao latino quaestio. Nadeau o traduziu para o inglês como *issue*, “questão, problema” (Nadeau, 1964: 366). O termo em inglês é muito utilizado, *stock issue*, *stock phrase*, “clichê, lugar-

⁵ Em sua dissertação de mestrado, Figueiredo (2025) mostra desdobramentos importantes da função do papel actancial de terceiro, em deliberações no STF.

⁶ Certamente outros agrupamentos são possíveis. A seleção apresentada representa apenas uma “degustação”, visto que, como sabemos, o DA conta com dezenas de verbetes principais e secundários. As traduções dos excertos de verbetes são de responsabilidade do autor deste artigo.

comum”; *the point at issue*: o ponto controverso; *they were at issue over*: estavam em desacordo sobre... Em francês, o termo *stase* existe em medicina: “estase... (1741; gr. stasis). Méd. Interrupção ou desaceleração considerável da circulação ou fluxo de um líquido orgânico. (2025, p. 252)

Questão argumentativa: De uma maneira geral, uma questão argumentativa é produzida no momento em que os discursos (escritos ou orais) se desenvolvem acerca de um mesmo tema, a partir de uma divergência dos pontos de vista dos locutores envolvidos na discussão da questão mesma, no processo colaborativo de coconstrução do discurso e da realidade. Essa divergência produz uma questão, um problema, um ponto controverso. Esse questionamento ou problematização de um tema discursivo é uma condição necessária para o desenvolvimento de uma argumentação. (2025, p. 487)

Dissenso: A preferência pelo consenso não exclui a normalidade do dissenso. Um é da ordem das preferências; o outro, dos fatos. Essa questão é vislumbrada por um dos campos dos estudos da argumentação. Nesse sentido, o estudo da argumentação toma por objeto as situações em que as diferenças de opinião são produzidas, geridas, resolvidas, amplificadas ou transformadas por meio de sua confrontação discursiva. Saber em quais condições é conveniente empenhar-se para reduzir as diferenças de opiniões pela persuasão ou, ao contrário, favorecer seu desenvolvimento é uma questão social e científica importante, pois tem implicações pedagógicas cruciais, que só podem ser discutidas com base no entendimento correto do que acontece quando se argumenta. (2025, p. 226)

Contra-argumentação: A contra-argumentação surge quando, na argumentação em defesa de um ponto de vista, o interlocutor apresenta um ponto de vista diferente, também por meio de argumentos. Ele apresenta argumentos que levam a uma conclusão que contradiz o primeiro ponto de vista apresentado. (2025, p. 166)

Desacordo conversacional e desacordo argumentativo: A interação fortemente argumentativa repousa sobre um desacordo que apresenta características específicas: ele não é corrigido instantaneamente no decorrer da interação em que apareceu: ele é tematizado na interação; ele pode incidir sobre um fórum argumentativo (local) específico. Ele engendra assim interações organizadas em torno de um conflito preexistente. Nesse sentido, o conflito é a razão de existência dessas interações e condiciona sua evolução. As intervenções dos participantes são desenvolvidas e planejadas. (2025, p. 210)

Contradição: No diálogo, a contradição é uma situação em que dois interlocutores produzem turnos de fala anti-orientados. A contradição aparece com a recusa de ratificação, que pode ser resolvida por uma série de procedimentos de ajustes ou ser tematizada e dar origem a uma situação argumentativa. (2025, p. 167)

Antítese: A situação argumentativa emerge com a constatação de um ponto de confronto ratificado como tal, uma *estase*. Ela se desenvolve em um díptico, constituído pelo confronto de duas *esquematisações*, quer dizer, duas descrições – narrações de fatos de orientações opostas, que apoiam conclusões antagônicas. (2025, p. 70)

Papéis argumentativos: A situação de argumentação é definida como uma situação tripolar, ou seja, com três actantes: proponente, oponente e terceiro. A cada um destes polos corresponde uma modalidade discursiva específica, discurso de proposição (sustentado pelo proponente), discurso de oposição (sustentado pelo oponente) e discurso de dúvida ou de questionamento, definidor da posição do terceiro. (2025, p. 420)

Emoções: a construção argumentativa da emoção: Emoções ligadas à situação argumentativa – a situação argumentativa é em si carregada de emoção. Apresentar um questionamento leva a uma tensão sobre os planos social, cognitivo, emocional. Os participantes enfrentam ali seus contraditores. Suas faces sociais são potencialmente ameaçadas, assim como suas relações com o outro. Suas representações de mundo são desestabilizadas assim como suas identidades pessoais fundadas sobre essas representações. (2025, p. 234)

Refutação: A refutação exerce-se no quadro geral da rejeição motivada de um discurso; é um ato reativo, podendo ir da refutação argumentada até à simples denegação de uma afirmação ou de uma imputação. (2025, p. 495)

Lembramos que, acima, não trouxemos os verbetes em sua integralidade, visto que nossa intenção foi apresentar o dispositivo engendrado pelo MDA para que possamos compreender, descrever e analisar discursos argumentativos compostos por estases, questões e papéis argumentativos (proponentes, oponentes, terceiros e seus desdobramentos) em contextos de dissenso permeados por certa *tensão*, a qual, já o explicitamos, não é sinônimo de ringue erístico, recheado de agressões verbais, físicas e psicológicas.

A metáfora médica da *estase*, em fim de contas, associa a argumentação a uma sensação, a um humor⁷. Desse modo, e como nos mostra o DA, a tensão que permeia o dissenso e todos os elementos que compõem o discurso e o contradiscurso podem variar em níveis e tipos de argumentatividade, de acordo com as relações e os elementos semióticos que, de certa forma, contribuem para delinear os modos de atuação do discurso e do contradiscurso, bem como os parâmetros interacionais e institucionais que definem o cenário discursivo, necessários para caracterizar como argumentativa uma interação. Conforme destacado no DA, a questão argumentativa é fundamental para definir a dupla pertinência: a pertinência interna do argumento

⁷ O termo "humor" em seu contexto médico se refere a quatro fluidos que, segundo a teoria dos humores, influenciavam a saúde e o comportamento humano: *bilis negra* (ou melancolia): associada ao baço e ao temperamento melancólico; *bilis amarela* (ou colérica): associada ao fígado e ao temperamento colérico; *fleuma*: associada aos pulmões e ao temperamento fleumático; *sangue*: associada ao coração e ao temperamento sanguíneo (MICROSOFT COPILOT. Resposta à pergunta sobre a origem da palavra "humor". 14 mar. 2025.).

em relação à conclusão e a pertinência externa da conclusão em relação ao posicionamento específico sobre o tema em debate.

4 As *traboules* dos argumentos

É hora de atarmos as pontas deste texto. Quando iniciamos esta conversa apresentando as *traboules* de Lyon, quisemos mostrar um exemplo de “engenharia arquitetônica” popular que tinha o objetivo de facilitar o acesso da população aos (entre)lugares da Lyon Antiga (Vieux Lyon), a cidade medieval francesa, numa teia orgânica de becos, ruas e ruelas. Uma *traboule*, então, atuava como atalho e que, em fim de contas, tinha a missão de integrar partes da cidade, dando-lhe uma organicidade e multifuncionalidade.

De certa forma, aqui quisemos mostrar que as *traboules* e os verbetes de dicionários trazem algumas semelhanças e diferenças significativas. Ambos têm como função precípua facilitarem acesso a algum lugar. Nesse sentido, os verbetes de dicionários fornecem acesso a informações e significados; as *traboules* fornecem acesso a diferentes partes da cidade, conectando ruas e facilitando o movimento. Ambos são úteis e servem a um propósito específico: os verbetes organizando e explicando informações; as *traboules* facilitando o transporte e a movimentação urbana.

Plantin ressalta que, por meio do DA, tentou apresentar noções importantes do universo dos estudos em argumentação no intuito de “orquestrar um diálogo entre diferentes concepções teóricas da argumentação advindas de horizontes teóricos nem sempre convergentes, muito pelo contrário” (Colóquio, 2020). Nesse sentido, ainda nas palavras do autor, o material é interteórico, por meio do entrecruzamento de verbetes principais e verbetes secundários e das tantas remissões que ajudam a guiar o leitor por ruelas e esquinas que engendram e integram novos verbetes. Já que estamos lançando mão de uma metáfora espacial, não é exagero olharmos para o DA como uma espécie de GPS da argumentação.

Ali são apresentados alguns dos entrecruzamentos e confluências teóricas que mostram como tais definições se articulam e se completam, na orquestração de um diálogo produtivo e orgânico, o que fica patente, inclusive, na apresentação de verbetes como *Argumentação (III): Questões e intersecções*. O trabalho, como dissemos, coloca em ação 314 verbetes principais e 66 verbetes secundários, com o

com o objetivo de “estabelecer um diálogo crítico e produtivo entre todas as entradas lexicais, transformando-as em verdadeira ferramenta para compreensão e ensino da argumentação, de forma holística e integrada” (Plantin e Damasceno-Morais, p. 19, 2020).

Por meio dessa gênese, o autor buscou mostrar possíveis *raccourcis* para se acessar teorias diversas, pois, segundo ele, “os conceitos não devem ser vistos como seres bizarros, de um mundo estranho, mas são instrumentos de trabalho que devem servir para analisar textos em argumentação” (Colóquio, 2020). O mapeamento desse universo por meio de um DA é a tentativa de construção de uma cultura compartilhada da argumentação, a partir do estabelecimento desse vínculo entre teorias. Para tudo resumir, e ainda nas palavras do autor:

[...] busca tão-somente contribuir para a sistematização de conhecimentos nessa seara, sobretudo porque, por meio dos verbetes principais e secundários, buscase fornecer dados, apresentar terminologias e possibilitar conexões e sinapses teóricas que, acreditamos, poderão ajudar os estudantes a situarem-se no universo da argumentação, de forma não dogmática, pois, como dissemos, o DA não parte de uma teoria específica, mas especifica várias abordagens, organicamente, buscando um diálogo construtivo interteórico e, ainda, intrateorias, partindo sempre da análise e respeito às peculiaridades dos dados. (Plantin; Damasceno-Morais, 2020, p. 19)

Nesse sentido, o DA pode auxiliar os professores que, no trabalho com o discurso, tenham em seu programa o ensino prático da argumentação, justamente por causa dessa integração lexical, orgânica, que não apresenta um verbe de forma estanque, mas o faz pertencer a um conjunto que, visto em sua integralidade, forma um todo, uma teia orgânica. Lembramos que o autor diz não trabalhar com definições, mas com *noções*, o que, segundo ele, é uma forma de convidar o leitor a um diálogo, em vez de apresentar definições enciclopédicas, decorativas e/ou decoráveis, como já discutimos.

Certamente, as *traboules* são passagens físicas e tangíveis, enquanto os verbetes de dicionários são entradas abstratas de texto que contêm informações; as *traboules* devem ser compreendidas no contexto da arquitetura urbana e da história da cidade, enquanto os verbetes de dicionário são usados no contexto das ciências da linguagem, da comunicação escrita e falada; *traboules* têm uma rica história cultural e são pontos turísticos importantes, enquanto os verbetes de dicionários são mais funcionais e focados na precisão e clareza da linguagem. Desse modo, é preciso

deixar claro, embora haja algumas semelhanças em termos de funcionalidade e propósito, *traboules* e verbetes de dicionários existem em contextos e formas muito diferentes. Não obstante, a comparação que aqui propomos serve apenas como ilustração, mas abre espaço para reflexões importantes sobre como organizamos e acessamos informações e espaços. A imagem 4 sintetiza um pouco essa aproximação entre arquitetura e didatização do ensino da argumentação.

Figura 5 – Pessoas atravessando uma *traboule* em Lyon



Disponível em: <https://en.visiterlyon.com/discover/heritage-unesco/lyon-s-traboules-and-courtyards>.

Acesso em 10 de março de 2025.

E já que falamos em estudos da argumentação, campo vasto e fragmentado, numa teia muitas vezes intransponível num primeiro olhar, Plantin insiste que o DA proposto deve manter uma organicidade que permita que o/a leitor/a estabeleça vínculos, ajudando-o/a a “*mettre les pieds au étrier*” (colocar os pés no estribo) para que possa confortavelmente cavalgar pelas trilhas do vasto e fragmentado universo da argumentação; seus meandros e entrelugares (Colóquio, 2020).

Segundo Bhabha: “O trabalho fronteiroço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente” (Introdução). Para Bhabha, é preciso criar uma arte que renove o passado, reconfigurando-o como um entrelugar contingente que “inove e interrompa a atuação do presente-passado-presente”. Apesar de começarmos esse texto em cidades medievais, vemos no DA uma ode ao novo, visto que a proposta do seu autor é permitir descobertas (a partir do clássico), de entrelugares, recônditos e cantos que nos permitirão circular (ou até cavalgar) pelo universo dos argumentos e da argumentação.

5 Tradução e musicalidade brasileiras

Sobre o processo de tradução do DA, muito já foi dito nos eventos “Colóquio Internacional - Desafios da tradução e composição do primeiro Dicionário de Argumentação no Brasil” e “ABRALIN AO VIVO convida Christian Plantin: *Dictionnaire de l'argumentation: une introduction conceptuelle aux études d'argumentation*”, como já mencionamos. Gostaríamos de destacar, no encerramento deste texto, que as expectativas do autor do Dicionário, em relação à tradução realizada, foram no sentido de que não se fizesse uma tradução literal, “palavra por palavra, letra por letra” (Colóquio, 2020), mas um texto com musicalidade brasileira, uma vez que a ideia, segundo Plantin, é adaptar o texto à realidade da cultura para a qual o livro estiver sendo traduzido.

Nesse sentido, a metodologia adotada no processo de tradução para o português, dividido em nove etapas, levou em consideração os apelos de Plantin e buscou fazer uma versão brasileira do dicionário, com musicalidade própria, e sempre sob o olhar vigilante do autor, o qual leu a tradução proposta e a aprovou, após centenas de intervenções e correções (Plantin compreende bem o português).

A intenção de Plantin, o qual acompanhou todo o processo de tradução, iniciado em 2019, e de toda a equipe de tradutores, é que o produto final (2025) permita maior difusão dos estudos da argumentação, da sua complexidade, das suas implicações, das suas questões (seja essa uma *questão argumentativa* ou não), além de contribuir para o avanço dos estudos em argumentação no Brasil e solidificação dos estudos de uma cultura da argumentação.

Agradecimentos

O projeto de tradução foi idealizado em 2018 pelo professor Eduardo Lopes Piris (UESC), o qual convidou o também professor Rubens Damasceno-Morais (UFG) para, juntos, coordenarem o trabalho de tradução. Com o auxílio de mais 10 tradutores, e ao longo de várias etapas, a empreitada foi enfim realizada. Gostaríamos de aqui nomear, como forma de agradecimento pela boa vontade e competência na contribuição para a tradução da versão para o português, os professores e pesquisadores que participam do processo de tradução para o português: Ana Lúcia Tinoco Cabral, Angela Maria da Silva Correa, Luci Banks-Leite, Luís Fernando Bulhões Figueira, Maria Helena Cruz Pistori, Priscila Renata Gimenez, Rodrigo Seixas, Rosalice

Botelho Wakim Souza Pinto, Rui Alexandre Lalanda Martins Grácio e Suzana Leite Cortez, além dos coordenadores. Agradecemos ainda ao professor José Luiz Fiorin pelo airoso prefácio à tradução para o português.

Referências

ABRALIN AO VIVO. **Christian Plantin: Dictionnaire de l'argumentation: une introduction conceptuelle aux études d'argumentation**. 26 de outubro de 2020. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/christian-plantin/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

AZEVEDO Isabel Cristina Michelan de; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (Orgs.). **Introdução à análise da argumentação**. Prefácio de Rui Alexandre Grácio. Campinas: Pontes Editores, 2022.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

COLÓQUIO INTERNACIONAL - Desafios da tradução e composição do primeiro Dicionário de Argumentação no Brasil, coordenado por Isabel Cristina Michelan de Azevedo (Universidade Federal de Sergipe), Rubens Damasceno-Morais (Universidade Federal de Goiás – UFG) e Eduardo Lopes Piris (Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC). Disponível em: <https://youtu.be/YoSEb4Fl4Rw>. Acesso em: 14 mar. 2025.

DAMASCENO-MORAIS, Rubens. O modelo dialogal da argumentação e as emoções. **Rétor**, v. 13, n. 2, p. 25-42, 2023. DOI: <http://doi.org/10.61146/retor.v13.n2.195>.

EEMEREN, Frans H. van et al. **Handbook of Argumentation Theory**. Dordrecht, Heidelberg, New York, London: Springer, 2014.

FIGUEIREDO, Tatiane da Silva. Situação estásica e ethos coletivo: múltiplas faces do papel argumentativo do terceiro em deliberações do STF. 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2025.

PIRIS, Eduardo Lopes; GRÁCIO, Rui Alexandre (Org.). **Introdução às teorias da argumentação**. São Paulo: Pontes, 2023.

PLANTIN, Christian. **Dictionnaire de l'argumentation** – une introduction aux études d'argumentation. Lyon: ENS Éditions, 2016.

PLANTIN, Christian. **Dictionary of Argumentation** - an Introduction to Argumentation Studies. Foreword by J. Anthony Blair. Translation and adaptation of Christian Plantin's Dictionnaire de l'argumentation. London: College Publications, 2018.

PLANTIN, Christian. **Diccionario de la argumentación** – Una introducción a los estudios de la argumentación. Traducción de Emilia R. Ghelfi. Revisión de la traducción de Roberto C. Marafioti. Buenos Aires: UNM Editora, 2020.

PLANTIN, Christian. **Dicionário de argumentação**: uma introdução aos estudos da argumentação. Coordenação da tradução de Rubens Damasceno-Moraes e Eduardo Lopes Piris. São Paulo: Contexto, 2025.

PLANTIN, Christian; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. O dicionário como ferramenta para o ensino de argumentação. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 1-20, 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-2102.